

Glórias de
SÃO JOSÉ

PE. FRANCISCO J. BUTIÑÁ, S.J.

Glórias de
SÃO JOSÉ

VOL. I

Tradução de
Guilherme Ferreira Araújo



Glórias de São José – Vol. I
Pe. Francisco J. Butiña, S.J.
1ª edição – março de 2016 – Editora Katechesis

Gestão editorial:
PROF. FELIPE NERY

Tradução:
GUILHERME FERREIRA ARAÚJO

EDITORA KATECHESIS
Av. Marechal Castelo Branco, 139
Jd. Bela Vista - São José dos Campos - SP
Tel.: (11) 98141-9260
www.katechesis.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA

Butiña, Francisco J.
Glórias de São José – Vol. I, Pe. Francisco J. Butián, S.J. /
Tradução de Guilherme Ferreira Araújo – São Paulo, SP :
Katechesis, 2016.

ISBN: 978-85-

1. Igreja Católica 2. Meditações e devoções
I. Título II. Autor

CDD – 282 / 248.3

Índice para Catálogo Sistemático

1. Igreja Católica – 282
2. Meditações e devoções – 248.3



www.katechesis.com.br

ÍNDICE

Licença do Reverendo Padre Provincial	7
Censura	9

PRIMEIRA PARTE

Prólogo	13
QUAMQUAM PLURIES	19
Oração a São José	25

CAPÍTULO I

A devoção a São José durante os primeiros séculos da Igreja	29
I. Princípio da devoção a São José no Oriente	31
II. Antigos progressos da devoção a São José no Ocidente	34
Exemplo. A Beata Águeda da Cruz	39

CAPÍTULO II

Desenvolvimento da devoção a São José desde o início do século XV	43
I. Estima dos povos por São José	44
II. Empenho dos soberanos pontífices em aumentar a devoção a São José	47
III. Influência dos religiosos na glorificação de São José	52
Exemplo. Os Padres Pablo Barry e Pedro Collón, da Companhia de Jesus	57

CAPÍTULO III

Predestinação eterna de São José para cooperador da redenção divina	61
I. Lugar que São José ocupa no mistério da Redenção	62
II. Semelhança da Igreja terrena com a celeste	67
III. Trono ocupado por São José na Igreja divina	70
Exemplo. Beata Margarita del Castillo	75

CAPÍTULO VI

São José prefigurado no Antigo Testamento	77
I. O antigo José, figura do nosso respeito pelo nome	78
II. As glórias do antigo José: figura das glórias do novo	82
III. O antigo e o novo José são semelhantes em sua benignidade	86
Exemplo. O Padre Luis Lallemant	90

CAPÍTULO VII

Os misteriosos esponsais de São José	93
I. As perfeições que os méritos de Maria reivindicam de São José	95
II. As virtudes que o trato familiar com Maria exigia de São José	100
III. Justiça que exige de São José a gratidão pela Virgem	105
Exemplo. Um mouro convertido	110

CAPÍTULO VII

Algumas circunstâncias dos esponsais de São José	113
I. A genealogia de Jesus	114
II. Idade de São José e de Maria quando contraíram matrimônio	118
III. As cerimônias do matrimônio de Maria e José	121
Exemplo. O manto e o colar de Santa Teresa de Jesus	124

CAPÍTULO VIII

Dúvidas e angústias de São José ao ver que sua esposa havia concebido	127
I. O Evangelho nos induz a dar como fundamento das dúvidas de São José sua profunda humildade	129
II. Prossegue a mesma matéria e responde-se a certas dúvidas	134
III. Apoia-se, com a autoridade dos Padres, que São José quis, por reverência, deixar Maria	140
Exemplo. Um lobo convertido em cordeiro	146
Súplica ardente a São José por trinta dias	149

LICENÇA DO REVERENDO PADRE PROVINCIAL

Cum opus, cui titulus est *Glorias de San José*, a P. Francisco J. Butiñá nostrae Societatis sacerdote compositum, aliqui ejusdem societatis revisores, quibus id commissum fuit, recognoverint, et in lucem edi posse probaverint, facultatem concedimus, ut typis mandetur, si ita iis, ad quos pertinet, videbitur.

In quorum fidem has litteras manu nostra subscriptas, et sigillo Societatis nostrae munitas dedimus.

Barcinone die 25 Martii, anni 1889.

JOANNES RICART, S. J.

CENSURA

M. I. S.

As Glórias de São José, escritas pelo incansável Padre Francisco Xavier Butiñá da Companhia de Jesus, que por gratíssimo encargo de V. S. li e examinei diligentemente, nada contêm, segundo meu juízo, que não esteja de todo conforme com os dogmas da fé e os preceitos da moral católica, e que não satisfaça completamente, na matéria de que trata, os mais fervorosos devotos da Igreja e de seus filhos.

Em estilo claro, simples e cheio de devoção evangélica, expõe-se na primeira parte deste precioso livro tudo quanto possa contribuir para que o povo cristão forme uma ideia aproximada da inefável grandeza e excelso poderio do castíssimo Esposo de Maria e Pai adotivo de Jesus. Nesta primeira e principal parte da obra, são tão numerosos, variados e interessantes os assuntos, são esclarecidos com tanta originalidade e força da razão e são confirmados com tanta abundância de dados e peso de autoridades, que é possível dizer que o autor, reduzindo a um pequeno volume o que anda espalhado em muitos, quase esgotou a matéria.

São explicadas de forma muito apropriada, na segunda parte, algumas das principais virtudes que o humilde Carpinteiro de Nazaré exerceu na terra; não sem antes, em parágrafos corres-

pondentes, ter explicado suficientemente a natureza e as qualidades mais importantes de cada uma destas virtudes. Assim, o autor se propõe fazer com que os leitores, não se detendo em sentimentos de admiração estéril, nem se contentando com a devoção do entendimento, passem a alimentar desejos de imitar o modelo apresentado diante deles: imitação em que consiste a devoção sólida e verdadeira.

Na terceira parte, por fim, se agrupam, sob diferentes títulos com que o poderoso patrocínio de São José pode ser e é invocado pelos fiéis, uma multidão de graças obtidas pela intercessão do privilegiado Chefe da Sagrada Família, ou de maravilhas realizadas por ele mesmo a favor de seus devotos.

Acrescenta-se ao livro três brevíssimos apêndices, nos quais por meio de exemplos semelhantes aos que são apresentados no final de todos os capítulos na primeira e na segunda parte da obra, o autor apresenta três meios práticos para exercitar a devoção ao Santo Patriarca, dentre os que foram positivamente aprovados, e até abençoados e indulgenciados pela Igreja.

De tudo isso resulta que o erudito e zeloso Padre Butiñá nada omitiu para tornar proveitosa a leitura das *Glórias de São José* não só ao comum dos fiéis, a quem com certeza servirá de grande incentivo para crescer em piedade, devoção e confiança no Angelical Esposo de Maria, mas também aos sacerdotes, que nela, como em um arsenal bem equipado, encontrarão materiais abundantes e escolhidos para os panegíricos, sermões ou conferências que no exercício do sagrado ministério tiverem de fazer em honra e glória do Pai legal e adotivo de Jesus.

Creio, pois, M. I. S., *salvo* sempre *melhor juízo* de V. S., que a publicação desta obra, aumentando o riquíssimo tesouro de nossa literatura ascética, contribuirá de modo muito eficaz para fomentar a piedade entre os fiéis, não menos que para atrair as bênçãos de Deus sobre a perseguida Igreja e a atribulada sociedade católico-espanhola, por meio do crescimento, que a ela é de

esperar se siga, da devoção e do culto ao santo e poderosíssimo Patrono da Igreja universal.

Deus guarde por muitos anos V. S.

Barcelona, festa dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, 1889.

Carlos José Barris, Presbítero, S.J.

M.I.S. Vigário-Geral da Diocese de Barcelona

Barcelona, onze de julho de mil oitocentos e oitenta e nove.

Tendo em vista a censura favorável anterior, concedemos nossa licença e permissão que para que se possa imprimir e publicar a obra do Padre Francisco Xavier Butiñá da Companhia de Jesus, intitulada *Glórias de São José*, devendo entregar-se os exemplares à Secretaria de Câmara e Governo deste Bispado, firmados e rubricados em sua primeira página pelo Censor. O Vigário-Geral, Francisco de Pol. Por mandado de Sua Senhoria, Licenciado Manuel Fernandez, Pbro. Scio. Can.º Sust.º

PRÓLOGO

Piedoso leitor:

Ofereço-lhe as Glórias de São José, compostas ao modo de imitação das Glórias de Maria, publicadas por Santo Afonso de Ligório, devotíssimo servo da Virgem; e o faço com a encantadora esperança de que, assim como estas serviram e servem poderosamente para difundir a devoção à Rainha Santíssima, também meu pobre trabalho talvez contribua em algo para a propagação da dulcíssima devoção a São José. Este foi meu objetivo ao escrever esta pequena obra, e gostaria que você buscasse isso e nada mais em sua leitura, para o bem de sua alma. Parece-me que, se eu pudesse fazer com que todos os espanhóis se interessassem por São José e fossem solidamente devotos dele, teria contribuído, como o primeiro¹, para a restauração da nossa desventurada Pátria, tão maltratada pelo maldito liberalismo.

Quem ignora que Carlos II conseguiu fazer com que a Sé Apostólica declarasse São José Patrono da Espanha e que, infelizmente, depois de pouco tempo, foi anulado um breve tão glorioso a pedido de alguns espanhóis? Ah, não era isto obra da divina Providência, que nos estendia sua bondosa mão para nos levantar da prostração em que afundávamos e que pela maldade dos nossos pecados aumenta mais e mais a cada dia? Assim confessam

1 Isto é, Santo Afonso de Ligório. (N.T.)

nativos e estrangeiros. Leiamos como, imitando Jeremias, um italiano fervoroso lamenta nossa desgraça, dirigindo-se a Pio IX, grande zelador das glórias josefinas.

Ah! Pobre Espanha! Desejosa de não diminuir a glória do ilustre São Tiago, teu apóstolo e pai em Jesus Cristo - e nisto aplaudimos tua fidelidade e tua fé -, te esqueceste do Santíssimo Esposo da Virgem Maria e Pai de Jesus, e nisto erraste. Quem poderá contar e, com coragem, escutar as inumeráveis desgraças e calamidades que desde a infausta morte de Carlos II vêm sofrendo teus reinos, antes tão florescentes? Pobre Espanha, privada do patronato do Santíssimo Patriarca São José! Pobre Espanha, como está assentada na solidão aquela nação, antes tão cheia de pessoas! Ficou como uma viúva a senhora das nações; a princesa das províncias, carregada de dívidas, tornou-se tributária! Seus caminhos estão de luto... todas as suas portas foram destruídas... seus sacerdotes gemem... Faltou à Espanha o Patrono que lhe ofereciam o último rei da casa de Áustria e o Sumo Pontífice Inocêncio, quando a funesta luta de sucessão se revelava; e depois de tão longa série de males e de uma guerra tão teimosa, sua beleza lhe abandonou; seus príncipes têm se portado como carneiros que não encontram pastos e ficaram esqueléticos diante do que lhes acontecia. Por não se abrigar sob a égide de São José, a Espanha viu entrar em seus templos pessoas cujo ingresso estava vedado pelo Altíssimo; todo o seu povo gemia; seus filhos mais ilustres, antes vestidos de ouro, agora reputados vasos de barro, obra das mãos de um oleiro.

Mas por que continuar tão triste quadro, pintado por mão estrangeira, que se condói dos nossos desastres? O certo é que o reinado social de Jesus Cristo – e isto o presenciamos com nossos próprios olhos –, combatido há muito tempo com ímpia pertinácia, foi desaparecendo das nossas leis, dos nossos muni-

cípios e das nossas famílias, vendo a heresia liberal implantada e estendida em todas as partes. E o que faremos os católicos diante de um porvir tão funesto? Sem deixar de trabalharmos por todos os meios que nos inspire o mais ardente zelo, levantemos nossos olhos ao céu e não nos esqueçamos de que dali principalmente nos há de vir o remédio de tão grandes males. Sim. Aos nossos constantes e inquebrantáveis esforços juntemos a oração que penetra os céus. Acudamos ao coração divino de Jesus, que prometeu reinaria em Espanha, e com mais veneração que em outros lugares. Acudamos à Virgem Santíssima, que no Pilar de Zaragoza deu a palavra de que nos protegeria com particular providência. Acudamos a São José, de tanto prestígio perante Jesus e Maria, e declarado, em tempos mais felizes, Patrono especial da Espanha. E já que não podemos garantir que os nossos atuais governantes peçam à Sé Romana o restabelecimento do Patronato de São José, empenhemos os católicos em que o Santo Patriarca seja verdadeiramente o Patrono especial de todos os espanhóis. Graças ao Altíssimo, já são muitos os povos onde a festa de São José é celebrada com maior esplendor que se fosse de preceito. Cresça, pois, este notável costume; e que todas as famílias e todos os devotos do Santo se comprometam pelo menos a ouvir missa e não trabalhar nela. O mesmo deveria ser feito nos dias 20 de julho e 26 de dezembro: neste para celebrar os misteriosos esponsais do Santo Patriarca, e naquele para comemorar com algum brilho o nascimento de São José. Se do nascimento de São João Batista diz o Evangelho: *multi in nativitate ejus gaudebunt*², que muitos se alegrariam com sua natividade, porque haveria de ser o precursor do Messias, como não se hão de alegrar os devotos de São José na comemoração de seu nascimento, já que estava predestinado a ser Pai nutrício do Desejado das nações? Difunda-se por todos os cantos da Espanha este devoto entusiasmo: trabalhem todos para promover, cada um segundo suas forças, as glórias de tão grande Santo; para fazer-lhe uma santa

2 “Muitos se alegrarão com o seu nascimento.” Lc. 1, 14.

violência, a fim de que nos conceda a restauração da Unidade católica e, como em melhores tempos, volte a florescer em toda Espanha a fé que nos deixarão nossos antepassados.

Ó, se todos os espanhóis fôssemos solidamente devotos de São José, o que não conseguiríamos de sua intercessão onipotente? Poderíamos estar seguros de que o bendito Santo escutaria benigno nossos rogos e se apiedaria de nossas desgraças. A este fim é dirigido este meu trabalho. Quisera inflamar todos no amor por este grande Patriarca! Quisera que depois de Jesus e de Maria a ninguém acudissem com mais confiança, a nenhum santo venerassem com maior honra que a São José! Esta é a conclusão prática que desejo tirem todos da leitura destas páginas. Nelas não pude interpretar a *Salve* de São José, porque não há nada igual à *Salve Regina* comentada por Santo Afonso de Ligório, mas em seu lugar coloquei os principais títulos de sólida grandeza e glória cristã de nosso Patriarca.

Talvez no desenvolvimento da obra você tropece nos defeitos de que costumam padecer obras semelhantes. O primeiro deles é que os argumentos com que se defendem as glórias supereminentes de São José são todos como que *a priori*, sem textos ou autoridades que os apoiem. Ao que respondo que, se isto é defeito, dele pecaram todos os panegiristas de São José, porque, como se deduz dos primeiros capítulos, a Sagrada Escritura e os Santos Padres pouco nos deixaram escrito de seus elogios, e deste pouco tiramos, por coerente consequência, todo o restante.

Por outro lado, não é este o mesmo caminho que seguiram todos os encomiadores das prerrogativas de Maria antes que a Igreja as propusesse como dogmas da nossa Fé? Observe-o com atenção e se convencerá de que muitos doutores, ao tecerem a merecidíssima coroa de glórias a Maria, ao reivindicarem as graças com que a enriqueceu o Altíssimo, usarão aquele conhecido argumento: Pôde o Onipotente preenchê-la com tais carismas? Ele rapidamente o fez. *Potuit? Ergo et fecit*. Argumento fundado na doutrina de Santo Agostinho e outros Padres, que nos ensi-

nam ter feito Deus tudo o que a justiça, a decência e a coerência reivindicam. E por que não podemos aplicar, com sua correspondente medida, a mesma argumentação a favor de nosso Patriarca? Além disso, encontrará aqui não poucas autoridades de Pais e Doutores, dignas da devida ponderação e de sólido elogio para o digno consorte de Maria.

O outro defeito é que talvez você se depare com algumas repetições: mas este também é outro defeito dos que escrevem longamente, contando com poucos princípios, dos quais é preciso tirar numerosas consequências.

Sendo, pois, poucos os feitos que sabemos com certeza para a honra do Santo, mas feitos em si heroicos e fecundíssimos, não é estranho que, ao ponderarmos as suas virtudes, insistamos nos mesmos atos, nos quais tantas resplandeceram.

Gostaria que não levasse a mal uma advertência, piedoso leitor: se porventura lhe parecer que exagero a grandeza do Santo Patriarca, quase igualando-o a Maria, que se digne a ponderar os justos motivos de elogio, talvez maiores do que parecia, e creia sempre que há razões muito mais elevadas para exaltar sua castíssima Esposa, a primeira, depois de Jesus, inscrita no livro da vida.

Com estas notas preliminares, admire a grandeza, ainda pouco ponderada, do inseparável Companheiro de Jesus e de Maria, difunda por todas as partes sua devoção e, rogando a ele que me conceda uma vida religiosa e uma santa morte, considere-se amplamente pago por este favor.

Tarragona, 19 de maio de 1889.